



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

RELATÓRIO

DOCUMENTÁRIO: MULHERES JORNALISTAS NA PARAÍBA

MARIA ISRAELA BARBOSA RAMOS

JOÃO PESSOA - PB

2022

RELATÓRIO

MARIA ISRAELA BARBOSA RAMOS

DOCUMENTÁRIO: MULHERES JORNALISTAS NA PARAÍBA

Relatório do Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do Grau de Bacharel em Jornalismo do curso de Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof. Dr^a Glória de Lourdes Freire Rabay

JOÃO PESSOA - PB

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

R175m Ramos, Maria Israela Barbosa.
Mulheres jornalistas na Paraíba / Maria Israela
Barbosa Ramos. - João Pessoa, 2022.
41 f. : il.

Orientação: Glória de Lourdes Freire Rabay.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Jornalismo - TCC. 2. Mulher - Jornalismo -
Paraíba. 3. Jornalistas - Paraíba. 4. Documentário -
Gênero. I. Rabay, Glória de Lourdes Freire. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 070(043.2)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

ATA DE APROVAÇÃO

Este trabalho foi submetido à avaliação da Banca Examinadora composta pelos professores abaixo relacionados, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba.

Aluna: Maria Israela Barbosa Ramos

Título do trabalho: DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO: MULHERES
JORNALISTAS NA PARAÍBA

Aprovado em 27 de junho de 2022, com média 9,5

BANCA EXAMINADORA

Professora orientadora: Glória Rabay

Universidade Federal da Paraíba

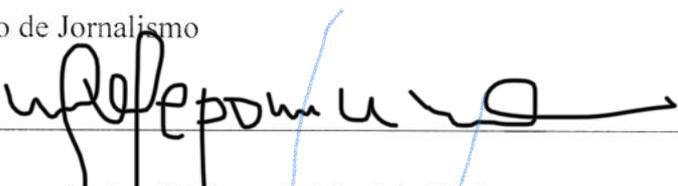
Departamento de Jornalismo

Assinatura: _____ 

Professor(a) examinadora: Margarete Almeida Nepomuceno

Universidade Federal da Paraíba

Departamento de Jornalismo

Assinatura: _____ 

Professor(a) examinador: Fabiano de Macêdo Diniz

Assinatura: _____ 

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho, direta ou indiretamente, em especial às mulheres que aceitaram ser entrevistadas e contaram suas histórias, expondo ao risco do julgamento externo suas dores e superações.

Sou grata a Deus e a minha família que sempre foram meu suporte. Dedico ao meu pai, que faleceu enquanto esse trabalho foi feito, pois ele me fortaleceu com seu exemplo de força, quando lutou bravamente por sua saúde. Agradeço a minha mãe, pois ela é meu maior referencial feminino, maior exemplo de força e superação, a primeira feminista com quem tive contato. Meu padrinho José Lins e minha madrinha Sebastiana que sempre me deram apoio e incentivaram meus sonhos.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha orientadora Glória Rabay que é uma inspiração como mulher e profissional, pela disponibilidade e suporte, sem seu apoio não teria conseguido.

RESUMO

Apresenta-se neste texto uma abordagem acerca dos desafios e da pouca oportunidade de trabalho que os profissionais jornalistas enfrentam ao longo de suas carreiras no Brasil, evidenciando especificidades sobre a realidade do estado da Paraíba. Há uma grande relevância em se discutir essa temática, principalmente por se perceber que muitos são os fatores que oprimem a mulher no dia a dia, seja desde sua aparência até seu próprio comportamento que é julgado desde a infância, e essa pressão apenas se estende à vida profissional. É compreensível que a imagem feminina por muito tempo foi veiculada a gostos, comportamentos e um padrão estético que não retrata a diversidade da mulher real, inclusive nos meios de comunicação, influenciando o imaginário coletivo, limitando-a a poucos espaços e alguns assuntos, discriminando-as, a exemplo do jornalismo esportivo. Dessa forma, problematiza-se acerca dessa realidade social, a qual as mulheres jornalistas vêm enfrentando ao longo da história. Define-se assim, como objetivo geral deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), documentar histórias de mulheres que viveram e vivem na prática a pressão do machismo sobre suas vidas profissionais.

Palavras-chave: documentário; mulheres; jornalistas; machismo.

ABSTRACT

This text presents an approach to the challenges and the little job opportunities that professional journalists face throughout their careers in Brazil, highlighting specificities about the reality of the state of Paraíba. There is great relevance in discussing this topic, mainly because we realize that there are many factors that oppress women on a daily basis, from their appearance to their own behavior, which is judged since childhood, and this pressure only extends to their professional life. It is understandable that the female image for a long time has been conveyed to tastes, behaviors, and an aesthetic standard that does not portray the diversity of the real woman, including in the media, influencing the collective imagination, limiting her to a few spaces and some subjects, discriminating them, such as sports journalism. Thus, we problematize this social reality, which women journalists have been facing throughout history. Thus, the general objective of this Course Conclusion Work (TCC) is to document stories of women who have lived and still live in practice the pressure of machismo on their professional lives.

Keywords: documentary; women; journalists; chauvinism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema de montagem do documentário parte 1	19
Figura 2 - Esquema de montagem do documentário parte 2	20
Figura 3 - Esquema de montagem do documentário parte 3	21
Figura 4 - Esquema de montagem do documentário parte 4	22
Figura 5 - Cláudia Carvalho	24
Figura 6 - Juliana Bandeira	25
Figura 7 - Mabel Dias	27
Figura 8 - Naná Garcez	28

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Agenda de gravação com as entrevistadas	15
Tabela 2 - Cronograma para gravação do documentário	30

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO	9
3	O GÊNERO DOCUMENTÁRIO	12
4	A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO	14
4.1	Cronograma de Gravações	15
5	PERFIL DE CADA ENTREVISTADA	24
5.1	Claudia Carvalho	24
5.2	Juliana Bandeira	25
5.3	Mabel Dias	27
5.4	Naná Garcez	28
6	CRONOGRAMA PARA PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO	30
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
	REFERÊNCIAS	34
	ANEXOS	36

1 APRESENTAÇÃO

O mercado de trabalho oferece desafios e oportunidades para qualquer profissional, para alguns e algumas, mais desafios que oportunidades. Como mulher e futura jornalista escolhi falar sobre os desafios que essas profissionais enfrentam ao longo de suas carreiras, especialmente na Paraíba, através do meu trabalho de conclusão de curso; o documentário “Mulheres Jornalistas na Paraíba”.

São muitos os fatores que oprimem a mulher, sua aparência e comportamento são julgados desde a infância e essa pressão apenas se estende na vida profissional. A imagem feminina por muito tempo foi veiculada a gostos, comportamentos e um padrão estético que não retrata a diversidade da mulher real, inclusive nos meios de comunicação, influenciando o imaginário coletivo, a limitando a “certos” espaços e determinados assuntos, discriminando-as, o jornalismo esportivo foi afetado por esse fenômeno, por exemplo.

O artigo 7º da Constituição Federal proíbe diferença de salários, de exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil. Mas na prática, a realidade do mercado de trabalho se mostra diferente. O esporte e a política por muitos anos foram pautas produzidas por e para homens. Atualmente, jornalistas mulheres que trabalham nessas áreas ainda sofrem com esse estigma.

A literatura reitera que a desigualdade de gênero é um dos fatores que perpetua as heterogeneidades sociais, fundamentadas na diferença entre os sexos. Essa cristalização que circunda o senso comum subjuga as mulheres e favorecem imposições estigmatizantes prevaletentes nos contextos social, econômico, cultural e político, ganhando visibilidade nas constantes diferenças salariais, atribuições de cargos, funções e papéis. (BEZERRA, 2016, p.52).

O objetivo deste trabalho foi documentar histórias de mulheres que viveram e vivem na prática a pressão do machismo sobre suas vidas profissionais. Optei por entrevistar quatro jornalistas de faixas etárias diferentes e também percepções diferentes sobre as desigualdades de gênero, para compreender através de seus relatos as mudanças ocorridas no jornalismo paraibano quanto a profissionais mulheres com o passar dos anos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para entendermos o lugar que a mulher ocupa no mercado de trabalho e no jornalismo nos dias atuais, é necessário compreender a história da mulher desde a antiguidade, entender as bases em que se firmaram as desigualdades de gênero e papéis sociais. O papel social diz respeito ao espaço designado ao indivíduo perante a sociedade, esse espaço dita padrões e expectativas. Oportunidades são limitadas apenas por esse sujeito ocupar um lugar social que lhe foi imposto, usando critérios baseados em seu gênero, cor e classe social. As imposições e o cerceamento ou privilégios de um sujeito perante a outros foram construídos nesses alicerces, "não se trata de negar a materialidade dos corpos, mas sim de assumir que é no interior da cultura e de uma cultura específica que características materiais adquirem significados". (LOURO, 2008, p.22). A mulher desde a antiguidade foi responsável pela criação dos filhos, pelo preparo dos alimentos e pelos cuidados médicos, exercendo muitas vezes o papel de curandeira, que substituirei aqui pelo termo cuidadora. Esse papel social de cuidadora deixou marcas que perduram e alimentam padrões que sobrevivem até hoje. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que há um gasto de tempo 73% maior das mulheres com os trabalhos domésticos em comparação aos homens (AGÊNCIA IBGE, 2018). Enquanto homens gastam em média 10,5 horas semanais com o trabalho doméstico e/ou com o cuidado de pessoas, as mulheres gastam 18 horas semanais. Essa diferença se deve às discriminações de gênero e decorrem da naturalização de certos comportamentos, neste trabalho compreendemos "o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder". (SCOTT, 1995, p. 86).

A imposição para que as mulheres desempenhem a função de cuidadoras de seus irmãos, pais, filhos, parceiros e parentes em geral e ao mesmo tempo conciliar com a vida profissional, é um dos fatores que a faz deixar de competir por cargos de liderança, com uma remuneração maior em diversas áreas, inclusive no jornalismo, porque estas as demandariam mais horas em suas jornadas de trabalho. Em 2016, segundo dados do IBGE, o número de mulheres ocupadas em tempo parcial, que trabalhavam 30 horas ou menos, era o dobro do número de homens. A pesquisa registrou 28,2% de mulheres e apenas 14,1% de homens.

Dados da pesquisa "Mulheres no jornalismo brasileiro" (2017), realizada pelo portal Gênero e Número em parceria com a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), mostram que 84,9% das mulheres jornalistas que responderam à pesquisa não tinham filhos menores de 18 anos. Esse dado pode ser interpretado como uma evidência de que as

mulheres que têm filhos são preteridas a vagas nas redações, por carregarem o estigma de conciliar a jornada profissional com a de cuidadora e assim se tornarem profissionais menos disponíveis.

A constante necessidade de articular papéis familiares e profissionais limita a disponibilidade das mulheres para o trabalho, que depende de uma complexa combinação de características pessoais e familiares, como o estado conjugal e a presença de filhos, associados à idade e à escolaridade da trabalhadora, assim como a características do grupo familiar, como o ciclo de vida e a estrutura familiar. Fatores como esses afetam a participação feminina, mas não a masculina, no mercado de trabalho. O importante a reter é que o trabalho das mulheres não depende apenas da demanda do mercado e das suas necessidades e qualificações para atendê-la, mas decorre também de uma articulação complexa, e em permanente transformação, dos fatores mencionados. (BRUSCHINI, 1998, p.4).

As relações de poder amparadas nas desigualdades de gênero limitam a ocupação de espaços por mulheres. A publicidade ajudou a construir a imagem de liderança como persona masculina no imaginário coletivo, é verdade que a publicidade tem mudado essa perspectiva aos poucos, mas, na realidade do mercado de trabalho, a mulher ainda tem dificuldades para ocupar espaços de comando, mesmo quando qualificada. No Brasil, a porcentagem de mulheres graduadas no ensino superior é 25% maior. (IBGE 2014).

As mulheres têm mais tempo de ensino formal que os homens e são a maior parte dos indivíduos que completam o ensino superior. A ampliação do acesso à educação e as transformações no padrão ocupacional não permitiram superar as desigualdades entre mulheres e homens nos rendimentos e a maior precariedade das primeiras nas relações de trabalho (A. Araújo e Lombardi, 2013; Bruschini, 2006; Bruschini e Lombardi, 2001; 2002).

Os números dos censos demográficos do IBGE de 1950 e 2010 mostram que no Brasil a participação da mulher no mercado de trabalho tem crescido. Enquanto o censo de 1950 registra que na época apenas 13,6% das mulheres eram economicamente ativas, o último censo realizado, registrou que em 2010 49,9% das mulheres eram economicamente ativas. Os dados referentes aos homens em 1950 e 2010 são respectivamente 80,8% e 67,1%.

Mas, ainda de acordo com o censo de 2010, o rendimento feminino não entra em igualdade com o masculino em nenhuma das áreas gerais de formação. A proporção de participação feminina equivale à masculina, no caso das Ciências Sociais, Negócios e Direito (área geral que se inclui o jornalismo), no entanto, as mulheres recebem apenas 66,3% do rendimento dos homens. As condições nas quais se dão as conquistas das mulheres no mercado de trabalho as mantém em campos que se relacionam aos seus papéis sociais, majoritariamente

subalternos e em áreas que reproduzem o poder simbólico como as artes e o próprio jornalismo (ROCHA, 2004).

No jornalismo, o machismo se manifesta principalmente em áreas estigmatizadas como masculinas, como o segmento do esporte e da política. O crescimento profissional da mulher em setores “masculinizados” pelo imaginário coletivo é dificultado por fatores que vão desde a falta de oportunidades ao assédio. O levantamento do Coletivo Feminista do Sindicato dos Jornalistas do Distrito Federal (SPJDF), de 2016, mostra que as jornalistas sofrem assédio moral e sexual, por parte de chefes, colegas e fontes.

A divisão sexual do trabalho não é um tema novo ou que tenha sido pouco discutido nas últimas décadas. O estudo das formas assumidas pelo trabalho feminino foi definido como “a porta de entrada dos estudos sobre a mulher na academia brasileira”, “tendo sido o primeiro [tema] a logo conquistar o selo da legitimidade” nas universidades do país. (Bruschini, 1994, apud Neves, 2013:405)

Refletindo sobre o papel do jornalismo entendemos que sua função social é promover a justiça, a democracia e os direitos através da informação que também educa e desconstrói paradigmas. Progressivamente, coube ao jornalismo o papel de dotar de sentido os acontecimentos sociais, o que representa um poder considerável em um mundo dominado pelas tecnologias de difusão de informação (MELO, 2012; ALSINA, 2009; ORTEGA & HUMANES, 2000).

O curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFPB, foi criado em 24 de março de 1977. Em 13 de março de 1979, com a regulamentação da profissão, as mulheres ganharam mais espaço nas redações. Essa pesquisa buscou profissionais de idades diversificadas para documentar experiências que ilustrem esse movimento de mudanças para a mulher no mercado do jornalismo paraibano.

O objetivo desse trabalho é identificar através dos relatos das entrevistadas, as faces do machismo, em especial o velado, o que se esconde atrás da falta de credibilidade e inexperiência sempre atribuída às mulheres. Juntamente aos demais tipos de assédios que as mulheres jornalistas sofreram e ainda sofrem, mesmo depois de muita luta. Na Paraíba, assim como em todo o país e em muitas para não dizer em todas as profissões, as mulheres ainda sofrem as consequências do regime patriarcal que até o presente também pesa sobre suas vidas profissionais.

3 O GÊNERO DOCUMENTÁRIO

O gênero documentário é o gênero cinematográfico que mais se relaciona com o jornalismo, pois é utilizado geralmente para debater temas históricos, biográficos e sociais. A construção da narrativa do documentário é baseada em relatos de personagens reais, que através de suas experiências descrevem acontecimentos, permitindo que o roteirista e o diretor interpretem a visão acerca do tema com fidelidade à verdade destes entrevistados, como faz um relator em um processo com o depoimento de testemunhas. Esse é um gênero que amplifica vozes que poderiam passar despercebidas, com uma abordagem mais política, pois, se alimenta também do entretenimento, diferente dos noticiários dos jornais.

O fascínio provocado pelo cinema de não-ficção está na sensação de realidade captada pela câmera e ratificada pela narrativa. O que temos na verdade é uma representação do mundo real mediada pelo documentarista, que se apropria de uma história e, a partir do seu repertório cultural e de suas intenções, conta esta história com os recursos disponíveis. “O poder dos filmes documentários advém de eles se basearem em fatos, não em ficção”. (BERNARD, 2008, p. 5)

O documentário difere de uma grande reportagem devido a dinâmica da construção, enquanto as grandes reportagens são realizadas com “imediatismo” para que não se perca a factualidade, as produções dos documentários demandam mais tempo e mais aprofundamento de pesquisa. O documentário não tem um apego a factualidade, mesmo tendo um vínculo com a informação, tem um compromisso menor com a rotatividade da informação em meios massivos, como a TV aberta, por exemplo.

Mesmo reconhecendo que o documentário tem o objetivo de se aproximar ao máximo da realidade, assim como no jornalismo, há influência externa na produção. O cineasta escocês John Grierson (1898-1972) é conhecido como o “pai do documentário”, pois, foi ele que em um artigo escrito para o jornal New York Sun, em fevereiro de 1926, usou pela primeira vez o termo “documentário”, se referindo ao filme Moana (1926), de Robert Flaherty. Grierson usou o termo “documentário” para nomear a obra cinematográfica que, segundo ele, se tratava de um “tratamento criativo da atualidade”. Mas, fez questão de pontuar que esse tratamento criativo da atualidade era feito como faz um martelo, não como um espelho, não refletindo fielmente a realidade, mas moldando-a.

O fato de os documentários não serem uma reprodução da realidade dá a eles uma voz própria. Eles são uma representação do mundo, e essa representação

significa uma visão singular do mundo. A voz do documentário é, portanto, o meio pelo qual esse ponto de vista ou essa perspectiva singular se dá a conhecer. (NICHOLS, 2008, p.73)

Baseado na Teoria do Espelho, teoria constituída de acordo com os conceitos do positivismo, movimento filosófico do século XIX difundido por Auguste Comte, um filósofo francês, o professor e pesquisador Nelson Traquina afirmou que o papel do jornalista é o mesmo que o de um observador, que relata com honestidade e equilíbrio o que acontece, sem manifestar suas opiniões pessoais. Enquanto o também professor e pesquisador Jorge Pedro Souza afirmou que as notícias seriam enviesadas da realidade porque refletem as convicções ideológicas e políticas dos jornalistas e as suas ideologias profissionais. (SOUSA, 2002, p.4-5). Sendo assim, também nesse aspecto as bases do jornalismo e do gênero documentário coincidem, estreitando as fronteiras entre o jornalismo e o documentário.

4 A PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

A pesquisa se iniciou com uma leitura sobre as desigualdades de gênero ao longo dos anos, em especial para a categoria do jornalismo. Já nas primeiras leituras identifiquei fatores que para mim, haviam passado despercebidos, como a questão de a mulher ser uma espécie de cuidadora em sua família, mesmo quando ela não casa, mesmo quando ela não tem filhos, como é o caso da jornalista entrevistada Mabel Dias.

A leitura da monografia de Monique Ryba de Portela, com o título “Percepção do Assédio Moral e Sexual Contra Mulheres Jornalistas em Curitiba” de 2018, feita antes de iniciar as entrevistas, expôs a questão para mim, que após a entrevista feita com Mabel Dias foi comprovada. Por mais que debatemos substancialmente sobre o papel social que é imposto à mulher e os efeitos dessa conjuntura, existem lacunas que apenas a experiência é capaz de revelar, como é o meu caso, que começo a carreira como jornalista agora.

Utilizei o questionário do grupo de pesquisa Ponto G, grupo de pesquisas sobre questões de gênero para mulheres da UFPB que tem a direção das professoras Glória Rabay e Margarete Almeida, como referencial para elaborar o questionário para as entrevistas do documentário. Foram feitas entrevistas individuais, as mesmas perguntas foram feitas para as quatro personagens e as respostas como esperado, divergiram em alguns pontos, isso reflete o quão diferente são as percepções do machismo e o quanto essas perspectivas influenciam na tomada de decisões frente aos assédios.

As perguntas comuns a todas foram:

- 1- Quem é Juliana Bandeira como jornalista e mulher (exemplo)?
- 2- O que a levou ao jornalismo?
- 3- Tem familiares jornalistas?
- 4- Recebeu apoio da família para seguir a profissão?
- 5- Com que segmento do jornalismo você se identifica mais?
- 6- Quais foram os desafios que você encontrou no mercado de trabalho?
- 7- Você sentiu em algum momento da sua carreira que teve um tratamento diferenciado por ser mulher?
- 8- Sofreu algum tipo de discriminação ou assédio?
- 9- Precisou abdicar de algum cargo/curso para conciliar a vida profissional com cuidados com algum familiar?
- 10- Comente a respeito das mudanças tecnológicas, estruturais e práticas no jornalismo?

- 11- Quais os rumos da profissão?
- 12- Escolheria outra profissão?
- 13- Faça um balanço da sua carreira.
- 14- O que o jornalismo significa para você?
- 15- Qual o seu conselho para as próximas gerações de mulheres jornalistas?

Com o roteiro de pré-produção pronto, parti para o agendamento e execução das gravações. Esta etapa foi realizada no período de abril de 2022 a maio de 2022. Tive dificuldade em marcar as entrevistas com duas jornalistas, inicialmente seriam cinco entrevistadas, mas Jaceline Marques precisou fazer uma cirurgia e isso a impossibilitou de dar entrevista, em uma data com tempo hábil para a produção. Naná Garcez retornou meu convite apenas um mês depois de ser convidada, mesmo assim conseguimos gravar a tempo. Já Cláudia Carvalho, Juliana Bandeira e Mabel Dias deram um retorno rápido, o que facilitou o agendamento das gravações das primeiras entrevistadas.

4.1 Cronograma de Gravações

Tabela 1 - Agenda de gravação com as entrevistadas

DATA	ENTREVISTADA	LOCAL	EQUIPE
07/04/2022	Claudia Carvalho	TV Manáira	Israela Ramos e Andryelle Araújo
09/04/2022	Juliana Bandeira	Residência Entrevistada	Israela Ramos e Warley Vieira
18/04/2022	Mabel Dias	Espaço Cultural	Israela Ramos e Andryelle Araújo
05/05/2022	Naná Garcez	Rádio Tabajara	Israela Ramos e Andryelle Araújo

Fonte: autoria própria

Como estratégia de abordagem apostei em uma “escuta sensível”, utilizando não só as falas, mas dando atenção aos momentos de silêncio, pois estes demonstram emoções, trazendo espontaneidade ao registro, agregando a narrativa do filme. Optei por um roteiro flexível, não me apeguei ao script, ele estava aberto a elementos e questões que pudessem surgir durante a entrevista, podendo mudar o direcionamento da conversa havendo necessidade, o que não ocorreu.

O local das entrevistas foi acordado com cada uma, para assegurar que elas estivessem confortáveis, para dar seus relatos sem constrangimentos. Fomos até a casa de Juliana Bandeira, ao local de trabalho de Cláudia Carvalho e Naná Garcez. Já a entrevista com Mabel Dias aconteceu no Espaço Cultural, por escolha da própria entrevistada.

O filme tem direção e equipe reduzida, foi realizado sob minha direção e produção, apenas com uma cinegrafista por entrevista, a Andryelle Araújo e o Warley Vieira que participou apenas de uma gravação. A Andryelle foi quem me acompanhou nas entrevistas da Cláudia, da Mabel e da Naná, minha intenção era que ela me acompanhasse em todas, pois entendi que as entrevistadas ficariam mais confortáveis para dar seus relatos longe dos olhares de homens, visto a temática sensível.

Mas, infelizmente, a Andryelle passou mal no dia da entrevista da Juliana e precisei improvisar, apenas o Warley Vieira estava disponível no dia do ocorrido, mesmo a Juliana afirmando que preferia que estivessem apenas mulheres no ambiente, e eu sugerindo que remarçássemos, ela decidiu que daria a entrevista, por temer atrasar minha pesquisa. Agradei e combinamos que era uma opção pedir para que ele saísse caso ela ficasse desconfortável em algum momento, seguimos com a entrevista, mas ele participou o tempo todo, a entrevistada acabou não solicitando sua saída em momento algum.

Tanta nas entrevistas em que a cinegrafista foi a Andryelle, quanto na que o cinegrafista foi o Warley, a câmera utilizada foi uma Sony 6400 com o microfone externo Boya conectado a câmera, equipamentos da Andryelle que se disponibilizou a me ajudar voluntariamente, assim como o Warley quando precisei solicitá-lo de última hora. Além de entrevistar e dirigir também capturei as imagens utilizando uma segunda câmera em todas as entrevistas, uma Canon EOS Rebel t6i, que pertence a mim. Optei por usar duas câmeras para ter imagens de mais de um ângulo e dar mais dinâmica ao registro. Todas as imagens e sons foram captados através destas duas câmeras e deste único microfone.

Escolhi mulheres de faixas etárias diferentes, buscando entender através dos relatos as mudanças ocorridas na prática dentro das redações paraibanas, nos últimos anos. A escolha

também foi baseada em nomes que representam diversidade em relação à carreira. Em conjunto com minha orientadora decidi que uma empreendedora, uma líder sindical, uma jornalista com uma longa carreira, uma experiente no Jornalismo Esportivo (por ser uma área estigmatizada como masculina) e uma assessora de imprensa seria uma boa escolha.

A professora Glória Rabay me passou os nomes e fiz os primeiros contatos por rede social, via Instagram, somente Juliana foi contatada via WhatsApp já inicialmente, pois ela também faz parte do grupo de pesquisa Ponto G, por isso seu contato foi mais acessível. O primeiro contato com essas mulheres já me revelou a percepção de cada uma sobre as desigualdades de gênero, ao passo que o título da minha pesquisa deixava explícito que meu trabalho era direcionado ao debate sobre os preconceitos e discriminações enfrentadas pelas mulheres no campo do jornalismo e suas ações para superar as dificuldades impostas por causa de suas condições de gênero.

O primeiro questionamento foi unânime, todas questionaram se eu trataria exclusivamente das desigualdades de gêneros no mercado, apesar de nenhuma das entrevistadas ter negado o convite, após minha explicação sobre o que é o objetivo do meu filme, ocorreu uma afirmação enérgica “Nunca sofri qualquer discriminação por ser mulher!”, por parte de Naná Garcez.

Destaco que mesmo com posicionamentos diferentes acerca do tema, as entrevistadas se propuseram e foram abertas as entrevistas, a sensação para mim, enquanto mulher e futura jornalista, foi de acolhimento e companheirismo.

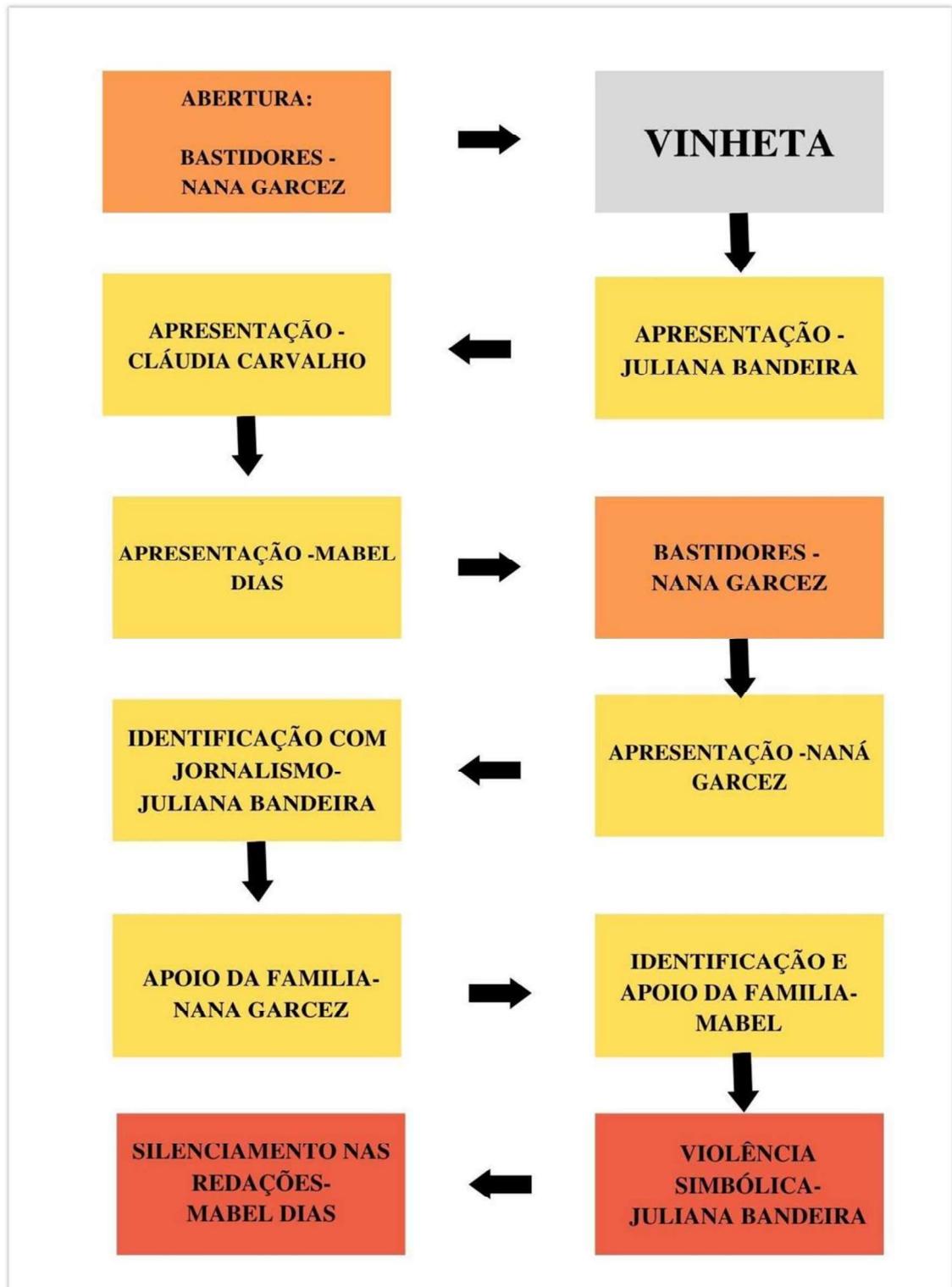
O processo de decupagem dos vídeos começou em 02 de maio, esse processo diz respeito a ação de dividir as cenas em um roteiro em planos pós-filmagem. Antes das filmagens há um roteiro de pré-produção, mas após as gravações de acordo com o potencial de falas, personagens e novos eventos captados, há uma realocação de cenas.

Segui a ordem de desenvolvimento do tema que estruturei no questionário da entrevista, com a apresentação das personagens, de suas carreiras e evolução dos relatos sobre os casos de assédio e discriminação, concluindo com um balaço de suas carreiras e uma mensagem de cada uma sobre o enfrentamento e empoderamento de mulheres frente aos desafios da profissão.

Inicialmente a edição do meu filme seria feita por Ítalo Florêncio, um amigo, voluntariamente. Mas, ele acabou não conseguindo, pois também estava desenvolvendo seu trabalho de conclusão de curso. A procura por outra pessoa que pudesse me ajudar nessa parte causou um pouco de estresse, mas o próprio Ítalo fez a ponte com o Thiago, que acabou sendo o responsável pela edição.

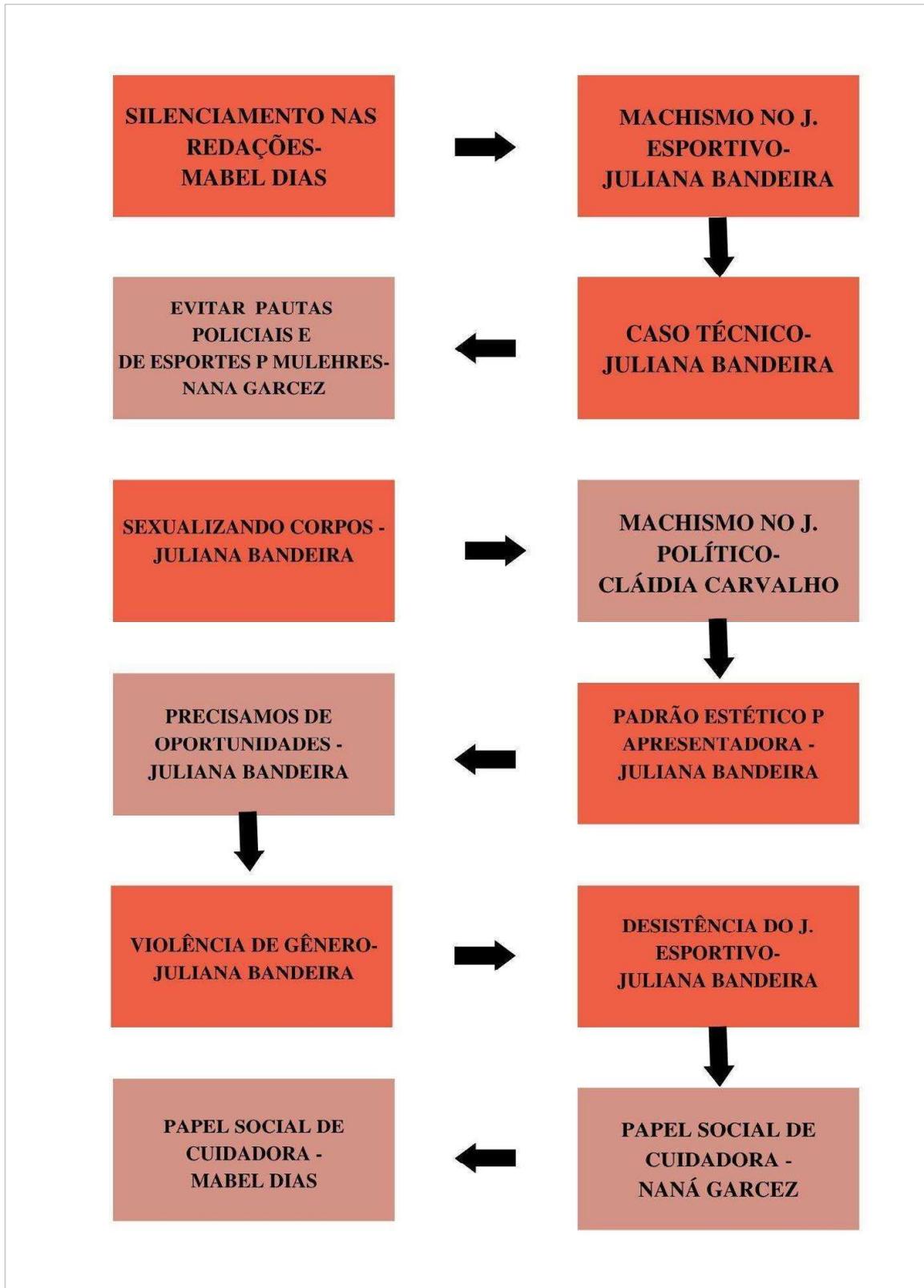
A edição do filme foi feita por Thiago Pontes, com seu próprio notebook, um Notebook Ideapad S145 15” Intel Lenovo, utilizando o programa de edição Adobe Premiere Pro, voluntariamente. A montagem estrutural das cenas do filme foi idealizada por mim, passei um roteiro com as cenas, nomeando cada vídeo e cada pasta utilizada, a minutagem e ordem em que ficaram nas cenas. A cada cena editada o Thiago me enviava e aguardava meu feedback, para seguir para os próximos passos. O processo de edição foi todo realizado em conjunto.

Figura 1 - Esquema de montagem do documentário parte 1



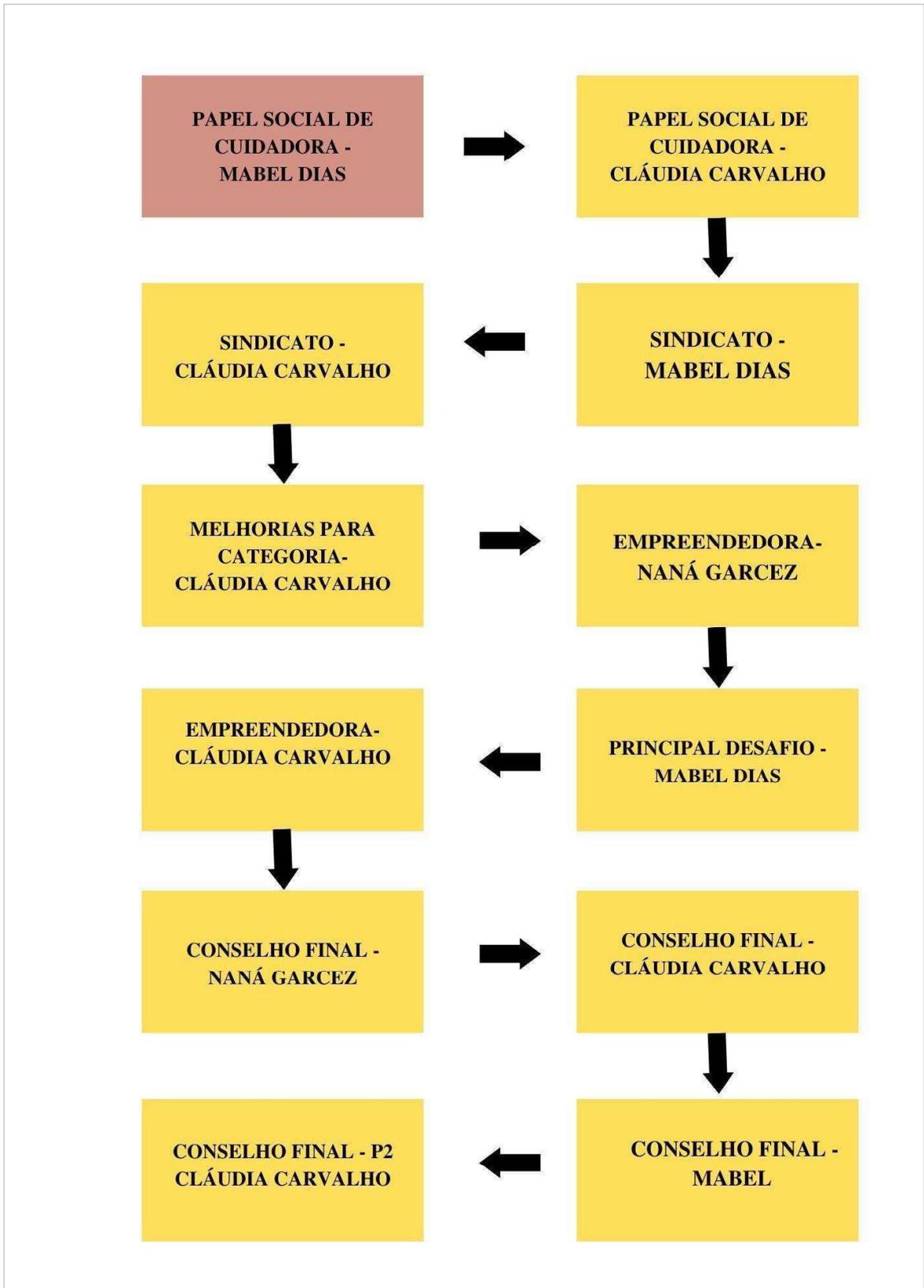
Fonte: Canva

Figura 2 - Esquema de montagem do documentário parte 2



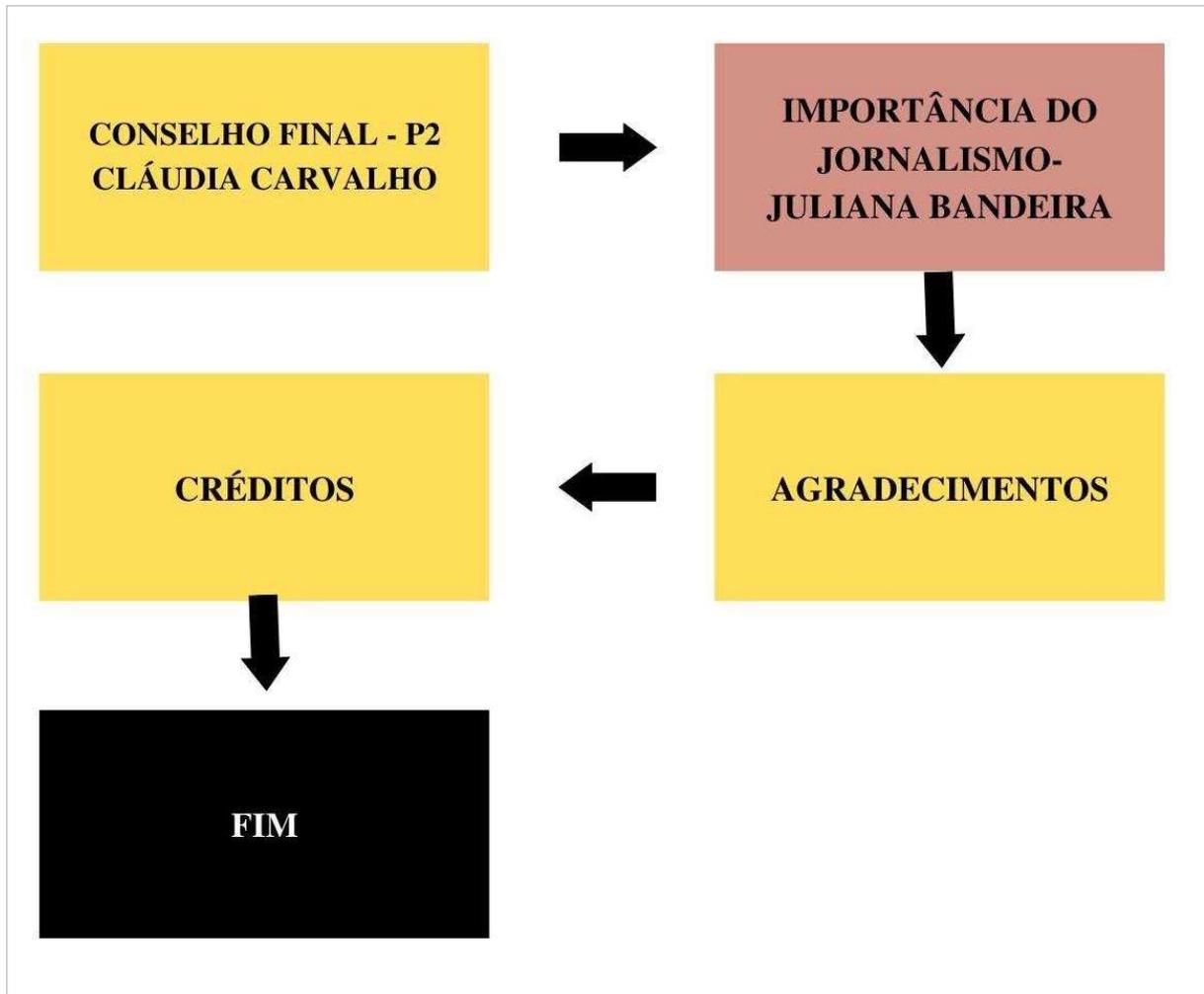
Fonte: Canva

Figura 3 - Esquema de montagem do documentário parte 3



Fonte: Canva

Figura 4 - Esquema de montagem do documentário parte 4



Fonte: Canva

O documentário foi estruturado combinando falas das entrevistadas sobre cada pergunta. Existem três tipos de narrador, o narrador personagem que é observador e participa da história (em primeira pessoa), narrador que apenas narra o que vê (em terceira pessoa) e o narrador onisciente (também em terceira pessoa) que tem total conhecimento de personagens e fatos, conhece o passado, o presente e o futuro dos personagens, bem como seus pensamentos e sentimentos, conhecido como “a voz de Deus”, usado geralmente em documentários sobre ciência.

Entendi que meu documentário não necessita de uma voz que fale por essas mulheres, o protagonismo é delas, elas quem devem contar suas próprias histórias. Acrescentar minha voz como narradora demandaria uma explicação sobre mim, já que neste caso, não poderia narrar como voz onisciente ou narradora que apenas vê, teria que expressar minhas percepções

sobre elas. Me tornaria parte do documentário, teria que me colocar também como personagem e isso tiraria parte do foco das mulheres que de fato são o meu tema.

5 PERFIL DE CADA ENTREVISTADA

5.1 Claudia Carvalho

Figura 5 - Cláudia Carvalho



Fonte: Print da autora

Cláudia Carvalho formou-se em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo na UFPB, em 1998 e concluiu o Mestrado em Jornalismo, em 2020, também na UFPB. Iniciou sua carreira em 1996, antes mesmo de concluir o curso superior, tem mais de 26 anos exercendo a profissão, *“Quando penso o que me levou a cursar Jornalismo, lembro da influência do meu pai. Meu pai era o único assinante de jornal impresso em Guarabira, cidade que morávamos.”*

Claudia fez um curso de radialismo no IFPB e foi selecionada para um estágio em uma emissora de rádio de João Pessoa, a Cabo Branco FM, em 1996, *“Sempre gostei muito de rádio. A partir desse estágio portas foram se abrindo. No ano seguinte eles abriram uma nova emissora, fizeram uma seleção para a rádio Cidade Verde, uma afiliada da Jovem Pan AM, fiz essa seleção, passei e fui trabalhar como Jornalista. Era editora de um rádio jornal do fim do dia e também fazia programetes, que entravam no ar à tarde, a cada hora fechada. Apresentava e editava esses programetes.”*

Claudia passou também pelo jornal impresso O Norte, fez assessoria de imprensa e foi a primeira editora de um portal de notícias no estado da Paraíba, o WS online. Depois de passar

pelo rádio e assessoria de imprensa de diversos veículos de comunicação, foi para a televisão. No momento, é apresentadora da Rádio Band News FM de João Pessoa e faz comentários políticos no programa Muito Mais da TV Manaíra, afiliada da Bandeirantes em João Pessoa.

Após trabalhar em alguns sites e adquirir experiência no webjornalismo, criou o site Parlamento PB, em 2009, *“Fui editora de alguns sites e passei a exercer tantas funções que pensei: porque não ter meu próprio site?”*

Claudia Carvalho tem um perfil de profissional que fez e faz diversas coisas ao mesmo tempo. Além de exercer a função de apresentadora e locutora tem seu próprio portal de notícias. O que mais chama atenção na entrevista de Claudia, além do fato dela ter virado empreendedora e ter feito um portal de notícias sozinha, é que ela escolheu a profissão por influência do pai, que não a apoiou inicialmente. Pois, acreditava que o jornalismo não era uma profissão boa para a filha dele estar.

5.2 Juliana Bandeira

Figura 6 - Juliana Bandeira



Fonte: Print da autora

Juliana Bandeira formou-se em Comunicação Social – Jornalismo, em 2008, pela UFPB e é Mestranda em Jornalismo profissional também na UFPB. No momento, atua como

produtora na rádio CBN e como produtora e editora de texto em uma agência de comunicação de João Pessoa, tendo 13 anos de carreira no jornalismo.

É filha e neta de mãe 'solo', cita sua mãe e avó como suas grandes referências. Afirma que sua força veio da linhagem dessas duas mulheres fortes, que a ensinaram que na vida é preciso ter força, *“Nada na vida vai ser dado a você de mão beijada. Você tem que se impor e mostrar o tempo todo seu valor, para que as pessoas te respeitem e considerem tudo aquilo que você faz e fala”*.

O que me chamou atenção no relato de Juliana Bandeira é que ela ama esporte, entrou no jornalismo principalmente porque se identificava com um caminho nessa área, mas no momento, não trabalha mais no setor. Quando questionei se o motivo seria o machismo, ela parou, refletiu e disse que por muito tempo respondeu a si mesma a essa pergunta atribuindo sua saída a sua competência, a necessidades de sua presença em outros espaços. Mas, desta vez, afirma com convicção que sim, sua saída foi causada pelos assédios que sofreu.

A entrevistada foi se distanciando aos poucos e acabou saindo de vez da área de atuação que era seu sonho. Juliana é uma mulher consciente de seus direitos, da causa feminista e dos assédios que sofreu ao longo de sua carreira. Relata com clareza os acontecimentos e afirma que foi vítima do machismo, sim. O relato de Juliana deixa evidente a diferença em identificar o motivo, do que muitas vezes vem disfarçado como “falta de credibilidade” e “pressão” direcionado exclusivamente a profissional mulher.

5.3 Mabel Dias

Figura 7 - Mabel Dias



Fonte: Print da autora

Mabel Dias é Jornalista graduada pela UFPB, em 2001. Tem 47 anos de idade, mora em João Pessoa e começou a trabalhar assim que se formou, tem 22 anos de carreira. É associada ao Coletivo Intervezes, Coletivo Brasil de Comunicação Social e também faz parte do Observatório Paraibano de Jornalismo. Afirma que o que a levou a ser Jornalista *“foi a coragem de investigar e de contar histórias!”*

Mabel começou sua carreira atuando em assessoria de comunicação, área que atua até hoje, *“Minha trajetória mesmo é na parte de assessoria de comunicação”*. Seu primeiro trabalho foi fazer assessoria para o político paraibano, Avenzoar Arruda, a convite do Jornalista Walter Galvão. A partir de 2004 começou a trabalhar na prefeitura de João Pessoa. Chegou a trabalhar na TV Cidade na produção de reportagens, fase que cita como desafiadora.

Durante a entrevista, Mabel Dias falou abertamente sobre suas vivências, relatando a ocorrência de assédios enquanto profissional. Mabel foi a entrevistada que mais abdicou de sua carreira por questões familiares, teve que conciliar o papel de cuidadora e de profissional mais de uma vez, fato comum entre as mulheres. Desmistificando a ideia de que o papel de cuidadora é exclusivo para mulheres que têm filhos, Mabel não têm filhos, por exemplo.

5.4 Naná Garcez

Figura 8 - Naná Garcez



Fonte: Print da autora

Naná Garcez formou-se em jornalismo pela UFPB, em 1982. Concluiu o mestrado profissional em 2002, na UFPB. Ingressou na redação do jornal A união, em 1980, como repórter iniciante e ao longo de seus 40 anos de carreira exerceu diversas funções como jornalista, também em outros veículos. Atualmente, retornou a empresa e exerce a função de diretora presidente do sistema União, que inclui a rádio Tabajara, rádio tradicional pessoense com mais de 85 anos, o jornal a união, a gráfica a união, a editora a união e o diário oficial.

“Ao longo do tempo passei por duas redações de jornal basicamente e duas redações de televisão. Também trabalhei no jornal Correio da Paraíba como repórter de economia, área que eu fui afinando, por ter coberto por muito tempo o centro administrativo, com informações do governo do estado relativas a planejamento e orçamento. Não mais como repórter, depois cheguei a ter uma coluna de economia, no jornal a união.”

Naná trabalhou na turma inicial da TV Cabo Branco, trabalhou na TV Tambaú, na TV Câmara, foi assessora de imprensa das secretarias de planejamento e secretaria de finanças, hoje chamada secretaria da fazenda. Produziu uma revista chamada Revista Edificar, edificar construção, arquitetura e negócios, que durou nove anos.

É a personagem com mais tempo de mercado. Ao longo de sua entrevista, percebi que Naná passou por episódios em que foi desacreditada e acredita que o motivo dessas situações

tenha sido sua inexperiência. Relata que se evitava colocar mulheres em pautas policiais e de esportes por conta de serem meninas inexperientes, não enxerga esse tipo de tratamento diferenciado como machismo.

Ao passo que conversávamos, a entrevistada citou com empolgação cada mulher que integra sua equipe e a quantidade de lideranças femininas nos setores da empresa, além de falar sobre as conquistas femininas que testemunhou ao longo de sua carreira, identifiquei uma necessidade de relatar os avanços femininos que acompanhou.

6 CRONOGRAMA PARA PRODUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

TOTAL DA ETAPA (EM SEMANAS)

Tabela 2 - Cronograma para gravação do documentário

ATIVIDADE	Março		Abril				Maio				Junho			
	2ª a 4ª semana		1ª a 4ª semana				1ª a 4ª semana				1ª a 4ª semana			
PESQUISA														
Pesquisa Prévia		X	X	X										
Conversa com os depoentes em potencial			X	X										
Projeto Escrito	1ª Versão 20/03/2022		Versão p/ filmagem 01/04/2022											
PRÉ PRODUÇÃO														
Preparação da filmagem: definir locação, aluguel de equipamento e definição da equipe técnica.														

PÓS PRODUÇÃO															
Subentende duas ações; a desprodução do set de filmagem e também a finalização do filme.															
Decupagem do material filmado												X	X		
Edição de Imagens												X	X	X	
Edição de Som												X	X	X	
Tratamento de Imagens e Sons													X	X	
Data <u>limite</u> p/ Entrega do filme															15/06/2022

Fonte: autoria própria

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei minha pesquisa e preparação para a produção do documentário com o tema “arte como militância”. Mas, devido à falta de disponibilidade de personagens para entrevistas, mudei para o tema atual, sendo assim demandou mais tempo a elaboração de um novo projeto. Destaco que o tema final é um tema muito importante para mim, mesmo não sendo minha primeira escolha.

Realizar este trabalho foi um grande desafio, não somente por ser meu trabalho de conclusão de curso, mas pelas circunstâncias em que estava a minha vida pessoal no momento em que eu o desenvolvi. Meu pai sofreu um Acidente Vascular Cerebral (AVC) e com minha irmã com oito meses de gestação e minha mãe sendo idosa, fui responsável por muitos dos cuidados e responsabilidades durante seu tratamento, em paralelo a realização da pesquisa, entrevistas e volta às aulas presenciais. Após 21 dias de idas e vindas ao hospital, meu pai faleceu. Confesso que vivi momentos de negação, de instabilidade emocional e acredito que essas circunstâncias tenham afetado em partes o resultado final da minha produção.

Já havia realizando um filme em parceria com um colega de cinema, mas esse superou a experiência anterior em número de personagens e tempo de gravação. Foi desafiador dirigir quatro personagens e montar um roteiro sozinha. A concepção de um filme passa por vários cortes até chegar ao produto final, acredito que meu documentário precisaria de mais um corte para ficar mais compacto. Mas, gosto do conteúdo deste produto, mesmo sendo um produto extenso acredito que o conteúdo compense, caso houvesse mais tempo para tratar o material, apenas acrescentaria voz off (registro sonoro que faz parte da cena, coberto por imagens com o contexto da história contada) e o transformaria em uma série de depoimentos ao invés de um só episódio.

Escolhi fazer meu trabalho de conclusão de curso como um produto, um documentário, porque quero que o conteúdo da minha pesquisa seja consumido por um público diversificado, que o conhecimento adquirido através dele seja acessível para além dos muros da academia, para populares, em especial para as mulheres de todas as classes e níveis de escolaridade.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO. **Gênero e Número.** Mulheres no jornalismo Brasileiro. São Paulo, 2017, 31.p. Disponível em: https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf. Acesso em: 25 abr. 2022.

LAHIRE, Bernard. **Diferenças ou desigualdades:** que condições socio-históricas para a produção de capital cultural? *In:* FÓRUM SOCIOLOGICO, 18., 2008. Lisboa, PT. **OpenEdition Journals.** Lisboa, PT: Instituto de Estudos e Divulgação Sociológica, 2008, p.79-85. Disponível em: <https://journals.openedition.org/sociologico/287>. Acesso em: 29 mai. 2022.

BEZERRA, J.F. *et al.* Conceitos, causas e repercussões da violência sexual contra a mulher na ótica de profissionais de saúde. **Revista Brasileira em Promoção de Saúde.** Fortaleza, v. 29, n. 1, p. 51-59, 16 mai. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/RBPS/article/view/4186/pdf>. Acesso em: 12 mai.2022.

BRUSCHINI, Cristina. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?. *In:* ROCHA, Maria Isabel Baltar da (org.). **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios.** 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 13-58.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho feminino: trajetória de um tema, perspectiva para o futuro. **Estudos Feministas,** Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 17-32, jan.1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16287>. Acesso em: 26 mai. 2022.

CAMPOS, Leonardo. Crítica, Introdução ao Documentário. **Plano Crítico.** São Paulo, 26 de out. de 2018. Literatura. Disponível em: <https://www.planocritico.com/critica-introducao-ao-documentario-de-bill-nichols/>. Acesso em: 29 mai. de 2022.

ESTATÍSTICAS de gênero: Uma análise dos resultados do Censo Demográfico. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2011. 162p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv88941.pdf>. Acesso em: 14 de abr. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação.** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 1997. 184p. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lopes-louro.pdf>. Acesso em: 25 de mai. 2022.

NEVES, Magda de Almeida. Anotações sobre trabalho e gênero. **Cadernos de Pesquisa.** São Paulo, v. 43, n.149, p. 404-421, nov. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/5c6jtJQ7sLPTwQzHcBGc7pL/?lang=pt>. Acesso em: 26 mai. 2022.

PERET, Eduardo. Mulher estuda mais, trabalha mais e ganha menos do que o homem. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).** Rio de Janeiro, 7 de mar. de 2018. Estatísticas Sociais. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem>. Acesso em: 15 abr. 2022.

PORTELA, Monique Ryba. **Percepção do assédio moral e sexual contra mulheres jornalistas em Curitiba.** 2018. 155f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) – Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

ROCHA, Paula Melani. **As mulheres jornalistas no Estado de São Paulo: o processo de profissionalização e feminização da carreira.** 2004. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-paula-melani-mulheresjornalistas.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SANTOS, M.; TEMER, A.C.R.P. **Mulheres no Jornalismo Práticas Profissionais e Emancipação Social.** São Paulo: Editora Cásper Líbero, 2018. 218p. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2018/10/Mulheres-no-jornalismo.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2022.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez, p. 71 -99. 1995. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 13 mai. 2022.

ANEXOS

ROTEIROS DE EDIÇÃO:

ROTEIRO DE MONTAGEM

PASTA COM VÍDEOS PRINCIPAIS: ENTREVISTAS →TCC

PASTA COM VÍDEOS SECUNDÁRIOS: ANDRYELLE → ÁUDIO MELHOR

1. **CENA** – IMAGEM PRINCIPAL – VIDEO 4 - APRESENTAÇÃO DE JULIANA 00:15 A 1:52
2. **CENA** – IMAGEM PRINCIPAL – VIDEO 2- APRESENTAÇÃO DE CLÁUDIA E O PORQUÊ DA ESCOLHA DO JORNALISMO [00:11 A 01:37] + O PORQUE O PAI NÃO A APOIOU [01:39 A 02:01].
3. **CENA** – IMAGEM PRINCIPAL – VIDEO 2- CARREIRA DE CLAUDIA. [2:06 A 4:48]
4. **CENA** – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 12- APRESENTAÇÃO DE MABEL [00:02 A 00:41]+ CARREIRA DE MABEL [00:52 A 1:54] +[1:58 A 2:52]
5. **CENA** – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 18- APRESENTAÇÃO DE NANÁ [0:28 A 8:27] +[9:53 A 10:30]
6. **CENA** – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 23 - APOIO DA FAMÍLIA DE NANA [00:18 A 1:36]
7. **CENA** – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 4 - O PORQUE SE IDENTIFICOU COM O JORNALISMO JULIANA [1:58 A 3:35] +[3:49 A 4:56]
8. **CENA** –IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 4 - A ESCOLHA DO JORNALISMO ESPORTIVO JULIANA[4:58 A 5:28]+ [6:08 A 6:45]

- 9. CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 12- ESCOLHA E APOIO DA FAMÍLIA MABEL [16:26 A 17:11]**
- 10. CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VIDEO 5- “EM TODOS OS MOMENTOS QUE TRABALHEI NO ESPORTE SOFRI VIOLÊNCIA SIMBÓLICA...” JULIANA [0:40 A 1:59]+[2:04 A 2:46]**
- 11. CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 12- “DIFICULDADE DE PAUTAR NAS REDAÇÕES POR SER MULHER...” MABEL [10:17 A 13:10] + [9:00 A 10:05]**
- 12. CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 4- O PRECONCEITO DENTRO DO JORNALISMO ESPORTIVO [7:246 A 9:38] “A MULHER EM QUALQUER PROFISSÃO...” JULIANA**
- 13. CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VIDEO 5- CASO DO TÉCNICO JULIANA [4:06 A 4:36]**
- 14. CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 24- “SE EVITAVA NOS MANDAR...” NANA [00:23 A 3:14]**
- 15. CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 2- MACHISMO NO JORNALISMO POLÍTICO CLAUDIA [07:44 A 10:36]**
- 16. CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 6- ELA TENTA CONSTRANGER ELES “CABRA GOSTOSO!” - JULIANA [1:07 A 2:12]**
- 17. CENA — IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 18- “NUNCA HOUVE PELO MENOS DA MINHA PARTE A QUESTÃO DA DIFERENÇA POR SER MULHER...” NANA [8:37 A 9:52]**
- 18. CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VIDEO 5- PREOCUPAÇÃO COM ROUPA E “GORDINHA NÃO APRESENTA” JULIANA [6:01 A 7:29]**
- 19. CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VIDEO 7- METER O PÉ NA PORTA?- JULIANA [9:56 A 12:38]**
- 20. CENA – IMAGEM PRINCIPAL – – VÍDEO 4- VIOLÊNCIA DE GÊNERO- JULIANA [9:42 A 10:38] + [16:15 A 18:15]**

21. **CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VIDEO 7- “DESISTI DO JORNALISMO ESPORTIVO” JULIANA**[3:31 A 4:43] + [02:09 A 3:09]
22. **CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 19- ABRIU MÃO DO MESTRADO PARA CUIDAR DO FILHO (CUIDADORA) NANA** [00:15 ATÉ 3:30]
23. **CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VIDEO 2- CUIDADORA CLAUDIA** [11:17 A 12:02]
24. **CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 14- CUIDADORA MABEL** [00:50 A 3:11]
25. **CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VIDEO 2- MELHORIAS PARA A CATEGORIA/ INSTABILIDADE DA PROFISSÃO** [15:03 A 15:57] “NÓS TIVEMOS UM ENXUGAMENTO DAS REDAÇÕES” CLAUDIA
26. **CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 2- DIRETORA DO SINDICATO CLÁUDIA** [14:42 A 14:53]
27. **CENA – IMAGEM PRINCIPAL – – VÍDEO 12- SINDICATO MABEL** [17:29 A 17:56] + [18:19 ATÉ 19:11]
28. **CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VIDEO 2- EMPREENDER - CLAUDIA** [5:22 A 7:18]
29. **CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 20- NANA CRIOU UMA REVISTA...** [00:00 ATÉ 3:40]+[3:45 A 4:13]
30. **CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 12- PRINCIPAL DESAFIO - MABEL-** [3:17 A 4:50]
31. **CENA — IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 2- CONSELHO FINAL DE CLAUDIA-** [16:06 A 16:50]+[16:59 A 17:21]+[17:33 A 18:08]
32. **CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 24- CONSELHO FINAL DE NANA** [3:51 A 4:30]+[4:41 A 5:33]
33. **CENA — IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 18- CONSELHO FINAL DE NANA** [10:30 A 10:40]

34. CENA — IMAGEM PRINCIPAL – VÍDEO 12- CONSELHO FINAL DE MABEL
[13:25 A 14:10] + [14:16 A 15:00]+[15:41 A 15:54]

35. CENA – IMAGEM PRINCIPAL – VIDEO 7- IMPORTÂNCIA DO JORNALISMO
JULIANA [5:03 A 7:19]

ROTEIRO DA VINHETA

PASTA COM VÍDEOS PRINCIPAIS: ENTREVISTAS→TCC

TÍTULO DO DOCUMENTÁRIO:

MULHERES JORNALISTAS NA PARAÍBA

1. CENA - APRESENTAÇÃO DE JULIANA VÍDEO 4- [00:15 A 0:17]

“MEU NOME É JULIANA BANDEIRA”

2. CENA - APRESENTAÇÃO DE CLAUDIA VÍDEO 2 -[00:12 A 00:14].

“BOM, MEU NOME É CLAUDIA CARVALHO”

3. CENA – APRESENTAÇÃO MABEL VÍDEO 12 - [00:01 A 00:03]

“MEU NOME É MABEL DIAS”

4. CENA – VÍDEO 18 - APRESENTAÇÃO DE NANÁ [00:27 A 00:31]

“EU SOU NANÁ GARCEZ! ”

5. CENA – UM QUADRO COM IMAGEM DAS 4 ENTREVISTADAS
SIMULTANEAMENTE FALANDO - COM OS ÁUDIOS DE CADA UMA COM A
AFIRMAÇÃO “EU SOU JORNALISTA” EM CIMA UM DO OUTRO COMO UM CORO.

POSIÇÃO DAS ENTREVISTADAS NO QUADRO:

--	--	--	--

ÁUDIOS - “EU SOU JORNALISTA”

CLAUDIA- VÍDEO 2 -[00:14 A 00:15]

MABEL- VÍDEO 12 - [00:03 A 00:05]

NANA- **NÃO TEM**

JULIANA - VÍDEO 4- [00:17 A 0:19]

6 - CENA - O QUADRO CONTINUA COM AS IMAGENS, MAS EM PRETO E BRANCO E O SOM DELAS MUDO, O TÍTULO DO DOC É ESCRITO LETRA POR LETRA AO SOM DE MAQUINA DE ESCREVER COMO SE ESTIVESSE SENDO DIGITADO, ALÉM DO SOM DA MAQUINA TBM ENTRA UM TRECHO DA MÚSICA “FILHO DE GAL”- SÓ O TRECHO DO COMEÇO ATÉ A FINALIZAÇÃO DA FRASE “MEUS PEITOS E MEUS DEFEITOS SÃO IGUAIS AOS SEUS, EU SEI” –[00:00 A 00:10]

SOM DE MAQUINA DE ESCREVER: <https://www.youtube.com/watch?v=OROd-p8y0hk>

MUSICA “FILHO DE GAL”:

<https://open.spotify.com/track/2OVbYewYq374iO5ir9X6ue?si=P8Z3SMRdQmuZm5f64cd9EA&context=spotify%3Aplaylist%3A46LgVPZZ9eD0NabwFUKLZ2> “MEUS PEITOS E MEUS DEFEITOS SÃO IGUAIS AOS SEUS, EU SEI” –[00:00 A 00:10]

POSIÇÃO NO QUADRO:

--	--	--	--

ROTEIRO DE AJUSTES FINAIS

PASTA:HD → **ANDRYELLE** → **ISRAELA** → **NANA GARCEZ** → **VÍDEO C0004**

- 1. ÁUDIO E IMAGEM DO C004- [2:40 A 3:03] COMEÇA DEPOIS DO “TCHAU” E TERMINA EM “QUE MASSA!”**

DEPOIS VINHETA...

- 2. VINHETA (NÃO MUDA NADA!)**

- 3. COLOCAR LEGENDA NA APRESENTAÇÃO DE CADA UMA COMO JÁ ESTA SÓ QUE NA COR PRETA:**

(A LEGENDA ENTRA COM PADRÃO DA MÁQUINA DE ESCREVER, MAS PRETA)

- 1- JULIANA BANDEIRA**
- 2- CLAUDIA CARVALHO**
- 3- MABEL DIAS**

- 4. ANTES DA APRESENTAÇÃO DE NANÁ, COLOCAR A IMAGEM E ÁUDIO DO VÍDEO C0004.**

PASTA:HD → **ANDRYELLE** → **ISRAELA** → **NANA GARCEZ** → **VÍDEO C0004**

VÍDEO C0004-[4:00 A 4:45] COMEÇA EM “A RÁDIO TEM QUANTOS ANOS?” E TERMINA COM O BARULHO DO HOMEM DESLIGANDO É O SEGUNDO CLIQUE, EXATAMENTE 4:44 CORTA EM 4:45 PRA PEGAR O BARULHO DELE DESLIGANDO A MÁQUINA.

5. ENTRA A APRESENTAÇÃO DE NANÁ COM LEGENDA COM O NOME DELA “NANÁ GARCEZ“ E SEGUE NORMALMENTE.

(A LEGENDA ENTRA COM PADRÃO DA MÁQUINA DE ESCREVER COMO JÁ ESTAVA, MAS PRETA)

SEGUE NORMALMENTE A MESMA SEQUÊNCIA QUE JÁ ESTAVA...

6. CENA-36 (APÓS JULIANA FALAR DA IMPORTÂNCIA DO JORNALISMO, FALA FINAL ANTES DO “DOCUMENTÁRIO DE ISRAELA RAMOS”)

***DEIXAR ELA TERMINAR DE FALAR PRA BOTAR A MÚSICA, SE PRECISAR BOTA MAIS DO VÍDEO, PRA DAR PRA ELA CONCLUIR A FALA ANTES DA MÚSICA COMEÇAR.**

7. CENA 42- ENTRA A MÚSICA ALTA SEM O ÁUDIO DA NANA.

(CENA IGUAL, SÓ AUMENTA O SOM DA MÚSICA E MUDA A COR DAS LETRAS)

PASTA:HD → ANDRYELLE → ISRAELA → NANA GARCEZ → VÍDEO C0004

IMAGEM DO C004- [2:40 A 3:03] COM LEGENDA “NANÁ GARCEZ”

(A LEGENDA O PADRÃO DA MAQUINA DE ESCREVER, SÓ QUE PRETA”)

8. A LOGO DA UFPB PRECISA SER UM POUCO MAIOR

Fim.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Discente: Maria Israela Barbosa Ramos

Matrícula: 20170073099

Título do Trabalho: Vídeo Documentário “Mulheres Jornalistas na Paraíba”

Professora orientadora: Glória de Lourdes Freire Rabay

Declaro, a quem possa interessar, que o presente trabalho é de minha autoria e que responderei por todas as informações e dado nele contidos, ciente da definição legal de plágio e das eventuais implicações.

João Pessoa, 30 de junho de 2022.

Maria Israela Barbosa Ramos

Assinatura do (a) discente